

DO FORRÓ À CAPOEIRA, DIVERSIDADE E CULTURAS POPULARES NA EMEI NELSON MANDELA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Marina Basques Masella

Alice Gomes Signorelli

Ana Cristina Silva Godoy

Carolina Hamburger

Lenize Cristina Riga

Lígia Chiavolella

Priscilla de Lima Rocha

Solange Miranda





Implicações, crises e movimentos iniciais...

O presente relato narra a experiência transcorrida entre os meses de março e agosto do ano de 2020, na EMEI Nelson Mandela, dentro do contexto de educação remota que se instaurou devido à pandemia de Covid-19.

O primeiro movimento realizado pelo nosso coletivo de educadoras quando as medidas de isolamento social foram instituídas no final do mês de março, foi permanecer em contato com as crianças. Naquela época, não sabíamos que a pandemia duraria tanto tempo, mas já nos preocupamos em buscar meios para que o distanciamento não enfraquecesse os laços de acolhida, afeto e vínculo que estavam começando a se formar entre professoras, demais educadoras, crianças e famílias desde o início do ano letivo.

Para tornar isso possível, resolvemos utilizar as páginas oficiais da escola nas redes sociais - Facebook e Instagram¹⁰⁵. Há muitos anos, nosso Projeto Político Pedagógico (PPP) propõe o uso das redes sociais, intituladas de *portfólios virtuais*, para estreitar laços com as famílias da escola e comunidade mais ampla, por meio da divulgação das fotografias e vídeos das crianças; das tematizações; de veiculação de informes, etc.

Passamos então a utilizar esse canal para postar uma série de vídeos para que as crianças pudessem nos ver, nos ouvir e assim, estarem em con-

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/emeinelsonmandela> <https://www.instagram.com/emeinelsonmandela/?hl=pt-br>

tato conosco. Essas iniciativas se deram durante o período de recesso que havia sido antecipado pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Ainda assim, por prezar pela manutenção dos vínculos, de forma alternada, algumas professoras se dispuseram a produzir os vídeos.

O tempo todo tivemos em mente que devido à faixa etária das crianças (4 e 5 anos), o acesso a essas postagens teria de ser intermediado por algum membro mais velho da família que necessariamente precisaria dispor de acesso à internet.

O primeiro vídeo da série foi intitulado *Quanta saudade*, mostrando a professora Leny em casa, regando as plantas e conversando com as crianças sobre a necessidade do isolamento social. Além de dizer que a partir dali haveria novos vídeos das outras professoras, ela também convidou a comunidade para interagir nas redes da escola fazendo comentários nas postagens, como forma de troca de afetos e de aplacar um pouco da saudade.

Nesses vídeos iniciais, fizemos propostas como: Atividades de música, com os vídeos: *Cantando com a prô Cris, Tum tum tum, quem será?, Percussão com a prô Sol, Abre a janelinha, deixa o sol entrar, Qual é a fruta?*. Atividades de artes plásticas, com os vídeos: *Vamos desenhar?, Brincadeira das sombras e Desenhando sombras*. Contações de histórias, com os vídeos: *História com a prô Marina; Estrelando: professor Estrela; O grande maravilhoso livro das famílias, de Ros Asquith e Mary Hoffman; Dia de Sol, de Renato Moriconi; O menino que queria ser capitão; Nunca acontece nada na minha rua e A primeira palavra de Mara*. Brincadeiras, com os vídeos: *Vem dançar com a gente, Corrida das minhocas, Tabuleiro das tampinhas, Quebra-cabeça, Peteca, Fantoches, Guerreiros Nagô, Jogo dos personagens*. Relaxamento com o vídeo: *Toques sutis*. Atividades de plantio e colheita, com os vídeos: *Plantio caseiro, Plantio caseiro II*. Atividades culinárias, com os vídeos: *Cozinha Criativa: Pizza de frigideira e Cozinhando com a Prô Leny*. Para que as crianças pudessem compreender mais sobre as implicações do vírus que estava nos distanciando, postamos alguns vídeos relativos ao tema, como: *Senhor Coron* e a *Carta aos meninos e meninas em tempos de Covid-19*.

Foi um período marcado por bastante dúvida, medo e insegurança, em que gravar, produzir e editar vídeos era um cenário novo e bastante difícil

para muitas de nós, que nunca havíamos pensado que passaríamos por uma experiência como essa.

No início do mês de abril a SME publicou uma normativa que anunciava as diretrizes para que as escolas conduzissem o atendimento às crianças durante o período em que o atendimento presencial estivesse suspenso e, no dia 13 de abril, as atividades remotas tiveram seu início oficial. A SME apresentou o livro *Trilhas de Aprendizagens*, material didático que seria enviado para a casa das crianças como uma opção de utilização por parte das famílias. Em reuniões virtuais coletivas, constatamos que a linha da proposta se aproximava do que estávamos postando desde então: histórias, culinárias, brincadeiras, atividades artísticas, etc. Esse material demorou muito para chegar às famílias e, segundo relatos, foi pouquíssimo utilizado.

Quando notamos que o ensino remoto e o contexto virtual se prolongariam por tempo indeterminado, decidimos escrever e publicar em formato de vídeo com participação de educadoras de todos os segmentos da escola uma *Carta Aberta à comunidade*¹⁰⁶, onde procuramos expressar publicamente nossas expectativas e pretensões sobre o contexto do ensino remoto e nossas concepções quanto ao trabalho da Educação Infantil:

(...) Não desejamos com os nossos vídeos e postagens compensar ou recuperar o que seria vivido na escola, uma vez que isso é impossível nesse momento e que tal tentativa não faria parte do que acreditamos ser uma Educação Infantil de qualidade. Também não queremos indicar uma lista de atividades que devem ser seguidas à risca para entreter as crianças, e muito menos que vocês, familiares, se tornem professores ou professoras. Nosso intuito é sugerir e indicar caminhos para que mergulhem no universo da infância. Não há outra maneira para isso que não seja escutando as crianças, as acolhendo e permitindo que sejam nossas guias nesse oceano de possibilidades. Sabemos que estamos em um momento difícil para todas e todos. (...) Por isso: Calma! Se tem dias que você não quer fazer nada, tudo bem! Esses momentos de ócio também são importantes e precisam acontecer.

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/2216883291679523/videos/846660965744883>

(...) Nossa escola tem como nome e patrono Nelson Mandela - o líder sul-africano que dedicou sua vida a causas humanitárias - e nosso projeto preza pelo respeito, pelo cuidado com o outro e é realizado de acordo com valores inspirados nas sociedades africanas e afro-brasileiras, como o comunitarismo e a coletividade. Por isso, gostaríamos de dizer mais uma vez para todos aqueles que puderem, permanecerem em casa, cuidando assim de quem está perto e de quem está longe e contribuindo para que essa doença não se propague cada vez mais. (Carta Aberta para a Comunidade da EMEI Nelson Mandela, 22 de abril de 2020)

Das propostas diversas à tematização

Após avaliar as ações realizadas até então, percebemos que era preciso iniciar um movimento coletivo para o planejamento e produção dos vídeos que, até então, apesar de discutidos em reuniões virtuais, estavam sendo feitos individualmente pelas professoras. Nos atentamos ao fato de que não daríamos conta de sustentar esse fluxo de planejamento, gravação e edição se não estruturássemos um trabalho coletivo.

Decidimos formar quatro grupos para elaborar e produzir conjuntamente os vídeos com as propostas, garantindo que em cada grupo houvesse ao menos uma professora já familiarizada com edição para realizar essa função. Assim como os vídeos iniciais que haviam sido produzidos individualmente, essas produções feitas pelos grupos de professoras não tinham, necessariamente, conexão entre si. Apresentavam propostas avulsas também de plantio, contação de histórias, atividades de artes, culinária e brincadeiras. No decorrer das semanas, começamos a sentir um certo incômodo com esse formato. Sentimos que estávamos virando um “canal de atividades” e nos distanciando dos princípios que regem a condução das ações didáticas na nossa escola.

Desses princípios, vale destacar: o comprometimento com a Lei 10.639/03 (que torna obrigatório o ensino da história e das culturas africanas e afro-brasileiras nas escolas) cuja apropriação pela EMEI Nelson Mandela transformou e segue transformando todas as dimensões do currículo em prol de uma educação infantil antirracista; a concepção de que

as crianças são sujeitos de direitos, pertencentes a um contexto histórico, inseridas em uma sociedade que as impacta e é impactada pela produção das diversas culturas infantis, e que são capazes de elaborar suas interpretações sobre o mundo que as cerca; nossa própria metodologia baseada na troca constante com as crianças a partir da consideração e valorização de seus repertórios, experiências e a da escuta e observação de como nossas provocações e intervenções as instigam, afetam e acrescentam.

Outro incômodo surgiu com o fato de que, via redes sociais, estávamos alcançando poucas crianças. Por meio de um questionário produzido no *Google Forms* e enviado às famílias e das devolutivas recebidas pelos comentários nas postagens, percebemos que só as páginas do Facebook e do Instagram não eram suficientes para alcançar a maioria das crianças da escola. Tampouco a plataforma *Google Sala de Aula*, disponibilizada pela SME como canal oficial de comunicação. Na busca de ampliar esses canais e pretendendo maior acessibilidade, criamos no final do mês de abril uma conta institucional de *WhatsApp* para a escola e no meio do mês de maio decidimos que faríamos grupos de *WhatsApp* por turmas, com as famílias das crianças e as professoras de cada grupo.

A criação dos grupos de *WhatsApp* por turma ocorreu na semana do dia 18 de maio. A partir dessa ação, foi possível aumentar o alcance de participação e manter uma relação mais próxima com as crianças (por meio da mediação das famílias). Elas passaram a utilizar esse canal para compartilhar fotografias e enviar registros de suas produções, assim como áudios e vídeos.

Mesmo se apresentando como a opção que melhor atendia nossos anseios, também houve crises e receios em formarmos grupos de *WhatsApp*. Esse não era um recurso de comunicação oficial da SME e exigia de nós professoras uma demanda que ia muito além de nossas atribuições legais. Essa escolha significava ter o número pessoal de celular divulgado entre as pessoas responsáveis pelas crianças e o contato direto com elas, a qualquer momento. Foi por meio do diálogo com as famílias de cada turma, do estabelecimento de limites de horário e atendimento, da criação de regras para andamento desse grupo virtual e principalmente por ficarmos bastante contentes com o aumento do alcance de atendimento às crianças, que decidimos manter esses grupos, mesmo com tais implicações.

Durante as reuniões virtuais, o incômodo gerado pelo distanciamento entre o trabalho que estávamos propondo até então e os princípios do nosso PPP se intensificou. A falta de coletividade e de conexão entre as propostas dos vídeos, algo que valorizamos muito nos trabalhos da escola, não estava favorecendo a construção de uma teia de conhecimentos - metodologia adotada há alguns anos pela gestão e equipe docente da escola, para garantir a intersecção entre os temas e objetos de estudo. Nessa teia, diferentes saberes se conectam sem escalonar a importância entre si, possibilitando a produção de diversas e outras significações sobre os temas.

Foi então que decidimos abandonar as propostas soltas e começar a entretecer as situações didáticas no contexto remoto, buscando assim uma maior aproximação com a narrativa que estava planejada para ser desenvolvida junto às crianças antes das atividades presenciais serem interrompidas.

Na EMEI Nelson Mandela, trabalho pedagógico de cada ano tem sempre como marco inicial a chegada da família Abayomi¹⁰⁷ que, após um “período de férias”, retorna à escola trazendo uma mala com elementos disparadores das primeiras discussões da temática. Essa narrativa inicial é construída pelas professoras coletivamente, conforme o tema estabelecido para o ano, e vai sendo desenrolada por cada turma a partir dos questionamentos, convívio, curiosidades, demandas, falas, vivências e anúncios das crianças.

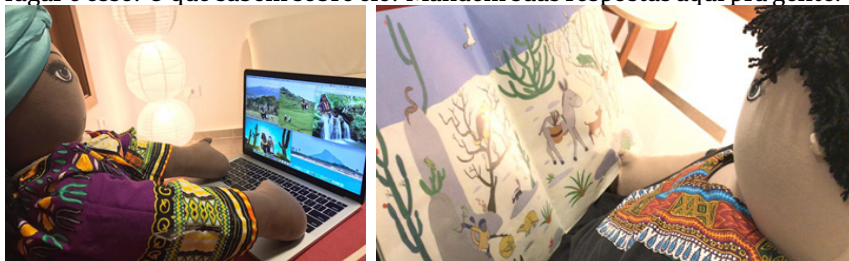
Considerando a intencionalidade do momento disparador, elaboramos uma postagem inaugural para que, após ouvir as crianças, pudéssemos articular quais seriam os próximos passos que percorreríamos junto delas, mais próximas de suas vozes, olhares e saberes, ainda que distantes fisicamente.

Os primeiros passos do nosso forró...

A narrativa que seria apresentada às crianças no início do ano, mas acabou não acontecendo por conta da pandemia, giraria em torno das regiões do Brasil por onde a Família Abayomi teria viajado. Sendo assim, no

¹⁰⁷ Figuras de afeto da EMEI Nelson Mandela. Bonecos em tamanho real que se constituem como um importante elemento de ludicidade conferido ao cotidiano escolar e que fazem parte das narrativas dos projetos construídos na escola.

final do mês de maio, fizemos uma postagem¹⁰⁸ que trazia uma foto de Dayó e Henrique, os irmãos gêmeos da família Abayomi, revendo suas lembranças da viagem que fizeram para a região Nordeste do Brasil. O questionamento feito para as crianças a partir da divulgação dessa foto foi: “Vocês sabem que lugar é esse? O que sabem sobre ele? Mandem suas respostas aqui pra gente!”



Com a palavra: as crianças!

As famílias começaram a participar pelos grupos de *WhatsApp* nos enviando por meio de áudios e vídeos¹⁰⁹ as falas das crianças, que revelavam suas hipóteses e saberes desencadeados pela apreciação das imagens. Essas devolutivas foram organizadas em um único vídeo, que foi compartilhado nas redes sociais, na plataforma *Google Sala de Aula* e também nos grupos de *Whatsapp*.

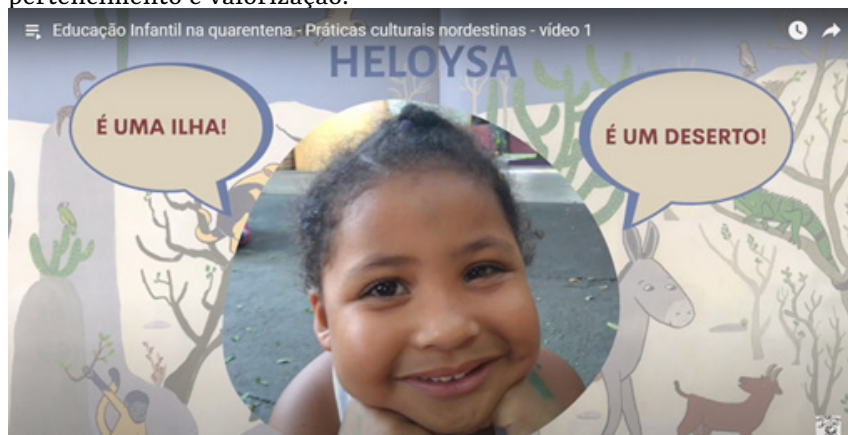
A cada vídeo postado, pedimos às famílias que nos enviassem registros (vídeos, fotos, áudios, desenhos) e comentários das crianças com as suas opiniões e impressões sobre o assunto tratado. Passamos então a intercalar as postagens de vídeos produzidos pelos grupos de professoras com vídeos compilados das respostas das crianças. Dessa forma, garantimos a valorização das falas infantis, a possibilidade delas se verem, ouvirem e construir as narrativas conosco.

Nas devolutivas sobre as primeiras imagens disparadoras, *nordeste*, *caatinga* e *cactos*, apareceram em diversas falas. Isso nos engajou a pensar propostas e narrativas que não só ampliassem o conhecimento das

¹⁰⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/emeinelsonmandela/photos/a.2362434570457727/3243456545688854/?type=3>

¹⁰⁹ Disponível em: https://youtu.be/rHb7HCyJ_IE

crianças sobre a região, mas que também possibilitassem o compartilhamento de experiências das crianças e suas famílias - muitas constituídas por migrantes advindas de estados nordestinos (fato que também descobrimos com as devolutivas enviadas por elas) - e o sentimento de pertencimento e valorização.



Vocês já ouviram falar em cordel? - A história do Lampião e da Maria Bonita

Partindo das falas sobre o primeiro vídeo recebidas por WhatsApp, demos continuidade à elaboração da segunda produção.¹¹⁰ Orientadas por seus anúncios, iniciamos a tematização das práticas culturais nordestinas. Para ampliar o repertório das crianças, optamos por mostrar um pouco sobre a literatura de cordel. No vídeo, apresentamos uma narrativa contando sobre as pesquisas que realizamos sobre a história do cordel e a sua origem.

¹¹⁰ Disponível em: <https://youtu.be/M9l9bjrKluo>



Em seguida, elaboramos um vídeo no qual contamos a história *Lampião lá do sertão*¹¹¹, de Marianne Biggio, recontada pelas professoras. Essa história conta a trajetória de Lampião e Maria Bonita, figuras históricas importantes que lutaram contra a opressão dos coronéis no cangaço brasileiro, recitada em forma de cordel.

Após esse vídeo, recebemos falas que evidenciaram o interesse das crianças pela música *Olha pro céu*, de Luiz Gonzaga, cantada durante a história *Lampião lá do sertão*. Assim, no vídeo seguinte¹¹², combinamos diferentes músicas de forró com fotos que remetem a esse universo cultural, como do Centro de Tradições Nordestinas, localizado próximo à escola e frequentado por diversas famílias da comunidade escolar que residem na região.

No final do vídeo, foram feitos alguns questionamentos às crianças: “Vocês já ouviram essa música antes ou alguma parecida? Vocês gostam? O que vocês sentem quando escutam essa música? Vocês já dançaram essa música ou viram alguém dançando uma música parecida?”

¹¹¹ Disponível em: <https://youtu.be/b9bvaLrMpOI>

¹¹² Disponível em: <https://youtu.be/OsKGGslx6MM>

Entrando na dança: um mergulho nos diferentes ritmos do forró

Após receber as respostas das perguntas que fizemos, construímos um vídeo¹¹³ apresentando três das diversas formas do forró: o xote, o baião e o xaxado. Julgamos importante ampliar os conhecimentos das crianças sobre esse universo e, a partir do que ouvimos delas, trouxemos alguns pontos para aprofundamento, como o Centro de Tradições Nordestinas e um pouco da história de Luiz Gonzaga, o rei do baião.



Conversa vai, conversa vem, chegou a hora de dançar forró! Depois de conhecermos um pouco sobre essa dança, música e suas diferentes formas, propusemos uma atividade incentivando a vivência com essa prática corporal¹¹⁴. Para isso, editamos uma produção com trechos de vídeos encontrados na internet que mostravam diversas pessoas em diversas situações dançando o forró e inserimos outros feitos pelas professoras, que dançaram e filmaram seus pés, para mostrar seus passos. Com essa proposta, desejamos que as crianças e famílias ampliassem os seus conhecimentos sobre a dança do forró, mostrando a diversidade de corpos dançantes, em diferentes contextos.

¹¹³ Disponível em: <https://youtu.be/T80ekVUT4UA>

¹¹⁴ Disponível em: <https://youtu.be/cWSULg8mvyU>

No final do vídeo, com o intuito de convidar as crianças a dançar forró, acrescentamos a gravação de uma vivência das crianças com essa dança realizada na escola em 2019 pela professora Solange Miranda, com a participação da percussionista Sisa Medeiros. Dessa forma, pudemos também estabelecer uma conexão e alimentar o vínculo com o espaço físico da escola e as atividades que lá ocorrem.

Que delícia dançar, cantar, tocar, desenhar e compartilhar!

Aos poucos, mais devolutivas foram chegando¹¹⁵ com muitas músicas, passos e expressões infantis. Em alguns vídeos as crianças se produziram com vestimentas utilizadas nos festejos juninos, outras dançaram de pijama e livremente, sozinhas ou com a família. Fomos surpreendidas por uma criança que tinha uma sanfona em casa, nos apresentando seu som. Outra nos mostrou um chapéu de boiadeiro, um pandeiro e um vinil de Luiz Gonzaga. Recebemos também alguns áudios nos contando sobre a experiência de ter dançado em casa, como se sentiram, quais músicas gostaram mais e, claro, desenhos com muitas cores e objetos que elas associaram às músicas.



¹¹⁵ Disponível em: <https://youtu.be/IZRyrjBb33Q>

Do forró a capoeira

Para darmos mais um passo no percurso que estávamos traçando, nada melhor do que saber o que mais as crianças e famílias sabiam sobre o nordeste¹¹⁶. Ainda que a música e a dança sejam assuntos que provoquem diversas possibilidades de conversas, foi importante favorecer a ampliação dos saberes sobre uma região tão culturalmente rica de nosso país. Realizamos um tour virtual¹¹⁷ por meio de vídeos, apresentando um pouco dos nove estados que compõem a região Nordeste. Como respostas, recebemos depoimentos com histórias da origem das famílias, relatos de viagens e até mesmo onde as crianças gostariam de conhecer, inspiradas pela leitura dessas produções.

Produzimos dois vídeos compilando essas respostas. O primeiro¹¹⁸ com relatos das crianças, famílias e educadoras que têm suas raízes no Nordeste e o segundo¹¹⁹ com relatos daquelas/es que já haviam visitado ou gostariam de conhecer essa região.

Em seguida, propusemos uma atividade artística que é muito presente na arte nordestina: a xilogravura¹²⁰. Como a técnica de produzir relevos em madeira não era algo acessível para que as crianças realizassem em casa, sugerimos a isogravura, uma adaptação da xilogravura feita no isopor¹²¹. Junto com a contextualização da xilogravura, foram exibidas várias imagens de obras e artistas para repertoriar as crianças em suas produções. Todas elas foram organizadas em um vídeo compilado, formando uma galeria online de obras e experimentações com isogravuras e carimbos caseiros¹²².

¹¹⁶ Disponível em: <https://youtu.be/0zSBd-GDlgc>

¹¹⁷ Disponível em: <https://youtu.be/vdMZva0HrgQ>

¹¹⁸ Disponível em: <https://youtu.be/U4x3qdGIBqM>

¹¹⁹ Disponível em: https://youtu.be/dXL_tYc-_qQ

¹²⁰ Disponível em: <https://youtu.be/1s41aHZQ9zM>

¹²¹ Disponível em: <https://youtu.be/zWNQMkBoOpk>

¹²² Disponível em: <https://youtu.be/TTngsMEMPPq>



Apresentamos algumas obras do artista xilógrafo José Borges e uma das crianças reconheceu a prática da capoeira retratada em uma de suas obras, criando assim uma possibilidade significativa de abertura de caminhos para os próximos passos da nossa tematização. Além disso, nos vídeos anteriores sobre as práticas culturais nordestinas, duas outras falas apareceram trazendo essa prática corporal em destaque: *Lá na Bahia tem acarajé, capoeira...* e *O desenho é o berimbau. Quando as pessoas jogam capoeira, elas tocam.*



Xilogravura do artista José Borges¹²³.

Capoeira me mandou dizer que já chegou!

Partindo do reconhecimento da capoeira na obra de José Borges e das falas das crianças, produzimos um vídeo¹²⁴ que iniciava exibindo imagens de vivências com a capoeira que havíamos experienciado na escola em anos anteriores. Também utilizamos fotografias da família Abayomi pesquisando na internet imagens sobre a capoeira, para convidar as crianças a fazer o mesmo e a elaborar um registro em desenho para comunicar seus conhecimentos e saberes sobre essa prática corporal.

¹²³ Disponível em: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcR5L-cO-gggqkgBiVjpOioo6ye1fnYjJeiA6rA&usqp=CAU>

¹²⁴ Disponível em: <https://youtu.be/jCo8WduQ1GI>



Zum-zum-zum, capoeira salva um!

Após recebermos os registros realizados a partir do primeiro vídeo, começamos a apresentar diversas referências sobre a capoeira para agregar e ampliar os conhecimentos das crianças e famílias. Utilizamos o livro *A capoeira*, escrito por Sonia Rosa e ilustrado por Rosinha Campos. Nesse momento de leitura, apresentamos a história da capoeira, sua origem, suas principais características e como ela é representada nas artes, trazendo referências de diversos artistas. Chamamos a atenção para a não presença das mulheres nas representações artísticas da capoeira e, a partir disso, pontuamos a importância das mulheres nessa manifestação cultural. Trouxemos nomes de diversas mestras de capoeira, como a mestra Janja, como uma referência muito importante na representação das mulheres nessa luta e encerramos propondo para as crianças e suas famílias que pesquisassem mais informações sobre a capoeira.¹²⁵

Berimbau bateu, capoeira sou eu!

A partir da nossa proposta, as famílias e crianças pesquisaram na internet sobre a capoeira, revisitaram suas experiências com essa prática e compartilharam diversos registros conosco.¹²⁶ Elas fizeram desenhos de

¹²⁵ Disponível em: <https://youtu.be/vgVdqz5h58Y>

¹²⁶ Disponível em: <https://youtu.be/Xrdc7LBcGY8>

corpos masculinos e femininos expressando a gestualidade característica dessa prática corporal, pessoas tocando berimbau, tambores, pandeiros e representações de rodas de capoeira. Elas também mostraram objetos que tinham em casa, como um enfeite em miniatura composto por um berimbau e um atabaque e anunciaram que “capoeira é uma forma de lutar”. A mãe de uma das crianças escreveu no grupo de *WhatsApp* que achou os questionamentos feitos pelas professoras sobre as mulheres na capoeira muito pertinentes, dizendo que “tomara que em um futuro próximo tenhamos mais meninas como mestres de capoeira”. Além disso, recebemos registros em vídeo de familiares das crianças vivenciando a capoeira junto delas, tocando berimbau, lutando e cantando ladainhas. Esses registros foram recebidos com muito entusiasmo e surpresa pelo nosso grupo de educadoras, que não imaginava que as famílias tivessem tantos membros praticantes da capoeira. Fomos percebendo que a temática estava envolvendo não só as crianças, mas também adultos, indicando um contexto de muita afinidade da nossa comunidade escolar com a prática.



Tem berimbau, tem pandeiro, tem roda e tem estrelinha!

Nos registros das crianças, notamos um elemento que estava presente na maioria deles: o berimbau. A partir dessa constatação, propusemos que assistissem a um vídeo que apresenta a lenda do berimbau, chamado *Dike-*

*ledi e as voltas que o mundo dá*¹²⁷, de Jordana Dolores, do Núcleo Histórias de Comadres e, a partir dele, abordamos as características desse instrumento e como é usado na capoeira. Para ampliarmos as experiências das crianças, propusemos a confecção de um berimbau com materiais alternativos¹²⁸, e convidamos as crianças e famílias a compartilhar os resultados conosco.

Recebemos devolutivas sobre a história *Dikeledi e as voltas que o mundo dá*, além de registros dos instrumentos construídos pelas crianças e famílias em casa. Todo material recebido foi reunido em um vídeo¹²⁹ e compartilhado entre as turmas da escola.

As professoras também entraram na roda

A capoeira traz consigo os valores, a resistência e a riqueza cultural das populações afro-brasileiras. Ela é praticada por diferentes grupos em diferentes partes do país e, portanto, também é diversa. Desde o começo desse trabalho, as professoras se preocuparam em mergulhar nesse universo para entender suas histórias, nuances, símbolos e valores. Como instituição que propõe a valorização das culturas negras, sabemos da importância da presença das vozes e corpos de seus/suas representantes na escola, junto às crianças e educadoras, compartilhando os seus saberes e experiências.

Uma das professoras teve a oportunidade de conversar em diversos momentos com uma integrante de um grupo de capoeira angola da cidade de São Paulo. Inicialmente, esse contato foi feito para pedir-lhe que nos colocasse em contato com mestres e mestras de capoeira. Porém, acabou rendendo muitas trocas e conversas sobre capoeira e educação. Esses diálogos foram compartilhados no grupo de professoras e assim pudemos aprender mais sobre a história da capoeira, suas diferentes escolas e sobre valores fundamentais da prática, como a reverência que se faz ao conhecimento dos mestres e mestras. As conversas também suscitaram diversas reflexões a respeito de como apresentar informações e propostas às crianças de forma que se alinhassem aos valores cultivados pelos/pelas capoei-

¹²⁷ Disponível em: <https://youtu.be/X3cXlTTCFYM>

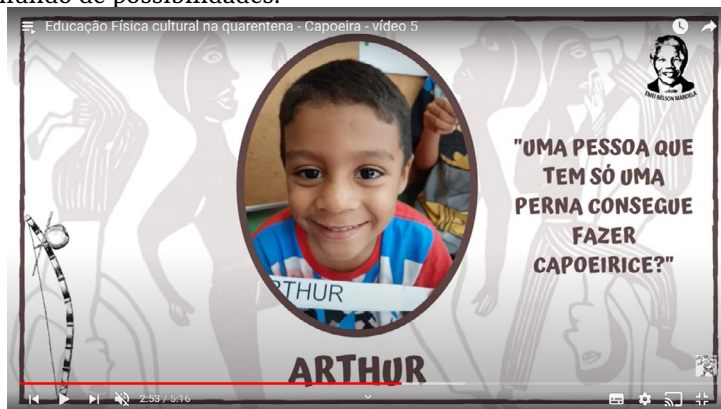
¹²⁸ Disponível em: <https://youtu.be/Me-Sa0J9qCA>

¹²⁹ Disponível em: <https://youtu.be/zyS2z3KD2uE>

ristas. Essas reflexões foram fundamentais e, a partir delas, as professoras puderam desenhar as próximas situações didáticas de maneira mais condizente e aproximada do universo da capoeira.

O que você quer saber sobre a capoeira?

Tendo essas reflexões em mente, ao avaliar tudo o que já havíamos vivido até então, decidimos que seria muito importante que as crianças pudessem ver, escutar e estar em contato de algum modo com representantes da capoeira, mesmo que isso acontecesse virtualmente. Como sempre, é pela escuta das crianças que alimentamos, direcionamos ações, ampliamos possibilidades e caminhos, e foi pensando nisso que decidimos ouvir suas dúvidas sobre a capoeira e direcioná-las a mestras e mestres. As famílias enviaram vídeos e áudios¹³⁰ com as curiosidades das crianças sobre a capoeira e nos surpreendemos com as perguntas que fizeram, apresentando um mundo de possibilidades.



Entrevista com mestres e mestras da capoeira - Memória e ancestralidade

¹³⁰ Disponível em: <https://youtu.be/hymW42VTIKQ>

Em nossa busca por respondê-las, conseguimos entrar em contato com alguns mestres e mestras que gentilmente se dedicaram a nos ajudar. A mestra Manô (SP), a contramestra Agbara (RJ) e o mestre Piter (SP) foram aos poucos respondendo em formato de vídeo algumas dúvidas encaminhadas. Para tornar os vídeos mais didáticos e dinâmicos, dividimos as perguntas das crianças em blocos. Criamos esses blocos entrelaçando os questionamentos das crianças e as respostas dadas pelas mestras e mestres com os valores civilizatórios, que regem culturas africanas e afro-brasileiras, apresentados por Azoilda Loretto da Trindade por meio do projeto *A cor da cultura*,¹³¹ e que se fazem presentes na prática da capoeira.



A primeira parte das respostas¹³² contava sobre memória e ancestralidade na capoeira, e foram respondidas perguntas como: “O que é capoeira?” “Onde ela surgiu?” “Por que ela foi proibida?” e “Qual a importância dos mais velhos na capoeira?”

Ao final de cada vídeo dessa série de respostas, sugerimos um fazer relacionado à temática proposta. Neste, convidamos as crianças a entrevistar pessoas mais velhas de suas famílias e comunidades, reforçando a

¹³¹ <http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>

¹³² Disponível em: <https://youtu.be/dZADiQeAD28>

importância de conhecer as suas histórias, suas origens e valorizando a memória ancestral .

Com os registros que recebemos, montamos um vídeo¹³³ das famílias e crianças valorizando memória, ancestralidade e oralidade, no qual as crianças entrevistaram as pessoas mais velhas de suas casas. Também recebemos registros das famílias jogando capoeira em casa e resultados de pesquisas que realizaram. Algumas crianças usaram materiais como colheres e controles remotos para simular o uso de microfones ao longo da entrevista, conferindo ludicidade e revelando a singularidade de cada uma ao se envolver com a proposta.



Entrevista com mestres e mestras de capoeira - musicalidade

No segundo vídeo¹³⁴ de respostas às dúvidas e curiosidades das crianças sobre a capoeira, selecionamos as perguntas relativas à musicalidade. A partir desse vídeo, contamos também com a participação do contramestre Sapoti (BA), unindo-o aos outros mestres e mestras para compartilhar os seus conhecimentos sobre a capoeira. Foram respondidas dúvidas enviadas também por educadoras e educadores da escola, como “Qual é a origem

¹³³ Disponível em: https://youtu.be/v_7i5PGl2LY

¹³⁴ Disponível em: <https://youtu.be/sxHgQUaJvaU>

do berimbau?” e “Quais são os instrumentos tocados na capoeira?” Cada qual compartilhou seus conhecimentos e histórias pessoais com o instrumento. Sapoti mostrou uma possibilidade de construção do Berimbau e tocou com seus filhos.



A proposta feita às crianças e famílias no final desse vídeo foi criar uma música que contasse uma história, inspirada nas ladainhas da capoeira. Recebemos mais registros das crianças entrevistando as pessoas mais velhas de suas famílias, ainda baseadas no vídeo sobre capoeira e ancestralidade. Algumas famílias também mandaram registros das crianças valorizando a musicalidade¹³⁵, por meio da composição de letras de músicas inspiradas na capoeira. Uma delas batia palmas e cantava “capoeira veio da África. capoeira é uma dança”.

Entrevista com mestres e mestras de capoeira - Corporeidade

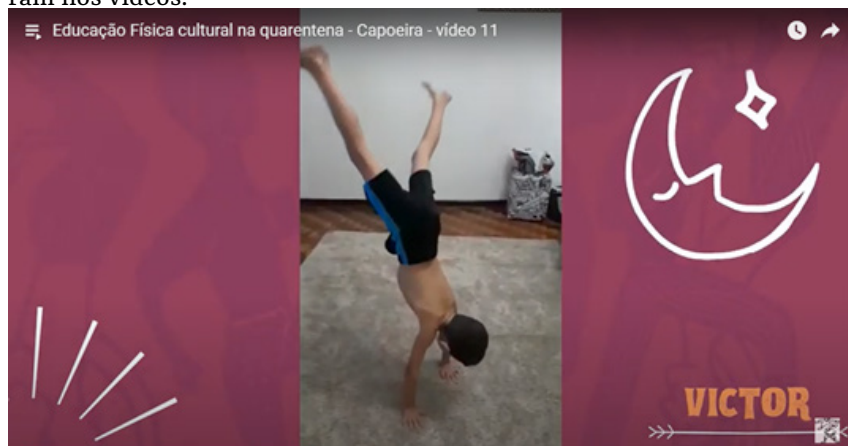
No último vídeo¹³⁶ de entrevistas com os mestres e mestras, as crianças foram convidadas por eles e elas a conhecer mais sobre a gestualidade da

¹³⁵ Disponível em: https://youtu.be/LgcSyok_djo

¹³⁶ Disponível em: <https://youtu.be/pSgR3TSDnTk>

capoeira como a ginga, o aú, rabo de arraia, martelo, armada, bananeira, macaquinho, ponte, etc. Também foram respondidas questões: “como eles fazem pra ficar com o pé pra cima?” “Por que eles só usam roupa branca e sempre ficam descalços?” “Queria saber como eles na capoeira fazem mortal e gira rápido” e “Como se faz estrela?” “É fácil ou difícil?” Mais uma vez, cada mestre e mestra compartilhou suas experiências, apresentando diferentes pontos de vista, vivências e explicações para cada uma das perguntas. Ao final, propusemos às crianças que experimentassem em casa duas técnicas corporais da capoeira que o contramestre Sapoti mostrou: a ginga e o aú.

Recebemos como registros diversos vídeos das crianças e famílias valorizando a corporeidade¹³⁷ por meio da vivência e experimentação dos gestos que os mestres e mestras trouxeram em suas narrativas e demonstraram nos vídeos.



Encontro virtual e vivência com o mestre Piter

Para finalizar a tematização da capoeira, decidimos fazer um encontro virtual¹³⁸ com todas as crianças da escola e um dos mestres de capoeira.

¹³⁷ Disponível em: <https://youtu.be/WWcifNndQqk>

¹³⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/emeinelsonmandela/photos/a.2341868119181039/3481991941835312/?type=3>

Conversamos com o mestre Piter (SP), que gentilmente aceitou conduzir esse momento junto às crianças. Elas trouxeram para o encontro os berimbaus que tinham construído, assim como outros instrumentos que possuíam. Junto ao mestre Piter, cantamos ladainhas, vivenciamos a gestualidade que havíamos investigado ao longo da tematização como o aú e a ginga e fomos convidadas/os a experimentar outras que não conhecíamos.



Salve todos os mestres! Olha lá é hora, sim senhor, vamos simbora!

A tematização do forró e da capoeira de forma remota foi um acontecimento marcante da nossa trajetória docente, com muitos efeitos em todas as pessoas nela envolvidas. Dentre os momentos vividos nesse caminho, algumas experiências nos atravessaram com intensidade e consideramos que merecem destaque.

O ensino remoto não pode ser considerado uma versão virtual da educação presencial, uma vez que as relações não acontecem da mesma maneira por meio das telas. Sendo mediadas por ferramentas tecnológicas, as ações traçadas precisam levar em conta e não podem abandonar os princípios que fundamentam a qualidade social da educação, o PPP da escola e seus valores ético-político-docentes, sem desconsiderar as características, implicações, demandas, limites dos meios digitais e seus recursos. Se a interação por áudio e vídeo permitiu a escuta das crianças, não foi possível a comunicação pelo toque, a observação das brincadeiras e interações coletivas, olhares, cheiros e suspiros, expressividades valiosas em nossos registros ao traçarmos percursos investigativos.

No fim, mesmo com tanto esforço, sabemos que não foram todas as crianças alcançadas e essa com certeza foi uma das questões mais difíceis para nós. Vivemos as consequências da falta de apoio e disponibilidade de recursos tecnológicos para as famílias por parte do governo, além de todas as outras dificuldades ocasionadas nos contextos familiares por conta da pandemia. Assim como já era comum na nossa escola no formato presencial, fomos percebendo que toda e qualquer proposta só seria possível de acontecer se estivéssemos em diálogo constante com as crianças e famílias, propondo situações didáticas no formato remoto que estivessem de acordo com as demandas e implicações colocadas pelo contexto.

Encontramos algumas potencialidades no ensino remoto, como a possibilidade de nos aprofundar no reconhecimento do patrimônio cultural e corporal da nossa comunidade. Mesmo que nossas práticas no ensino presencial já efetivassem a participação das famílias no trabalho pedagógico, nos diálogos e nas decisões administrativas da escola, a configuração virtual ampliou a possibilidade de interação e participação de outros membros, como irmãos, tios e primos que, algumas vezes, até mesmo residiam em outras cidades. Ela também proporcionou a variedade de formatos interativos, já que as crianças passaram a conhecer mais sobre a rotina de nossas casas e nós as delas.

Além disso, o trabalho digital possibilitou a participação de mestres e mestras de capoeira de outros Estados, estabelecendo diálogos formativos com as professoras e trocas com as crianças, importantes para as temati-

zações. Por conta da parceria estabelecida com a mestra Manô - mestra de capoeira angola que aceitou nosso convite de responder às perguntas das crianças - abriram-se caminhos para um percurso formativo entre a EMEI Nelson Mandela e o grupo *Nzinga de Capoeira Angola* a se dar em 2021.

Consideramos que todo esse percurso tornou possível que as crianças e adultos pensassem sobre o forró e a capoeira como práticas corporais inseridas em contextos culturais que, por serem diversos, suscitam infinitos significados para as pessoas que os acessam. Além disso, valorizamos nossas origens, compartilhamos histórias de vida, ampliamos o que já sabíamos sobre esses temas, despertamos o interesse pela investigação e estivemos juntas/os, durante um momento tão difícil de nosso cenário social. E pudemos comprovar a potência que possui um trabalho coletivo e um PPP com propostas curriculares bem delineadas em epistemes e ações a favor da diversidade, da democracia e da justiça social, para resistirmos na nossa micro-aldeia em tempos de tormenta, em que a vida e, por consequência, a escola, são atacadas brutalmente por políticas públicas perversas.